



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/sacerdotes-yoruba-ze-celso/>

Práticas de sacerdotes yorubas e ervas que insistem em viver no Parque do Rio Bixiga: uma homenagem ao Zé Celso Martinez

Por Maria da Glória Feitosa Freitas ou Yeye Oribato Obàtálá Ilé Ifè [1]

Em nossas práticas como sacerdote e sacerdotisa Yoruba, Obà Oribato Obàtálá e eu lidamos com ervas sagradas que vivem entre o cimento e o asfalto do bairro do Bixiga em São Paulo. Estivemos na rádio Saracura e no Teatro Oficina, onde compartilhamos nossos saberes sobre os odu do ano novo Yoruba. Neste texto, rememoro nosso encontro com José Celso Martinez Correia e compartilho o desejo de criação do Parque do Bixiga, com as bençãos de Oxalá e Xangô.

Caminhamos para uma década em que somos produtores de conteúdo, eu e Obà Oribato Obàtálá Ilé Ifè. Os materiais são escritos por Obà Oribato em língua do povo Yoruba, um dos povos da Nigéria. A língua yoruba era uma das línguas faladas no decorrer dos longos tempos de escravização nas ruas de Salvador e em outras cidades brasileiras, em que pessoas do povo Yoruba foram trazidas das terras da atual Nigéria e de outros países vizinhos, do continente africano até o Brasil.

Obà Oribato traduz os saberes orais do povo Yoruba para a língua inglesa e nós, eu e ele, ajustamos para o português do Brasil e para escritas compatíveis com diversas redes sociais e os seguidores de nossas publicações. Distribuimos os conteúdos por contas e página de redes sociais como Facebook, Twitter, LinkedIn, Instagram.

Usando o nome do Obà Oribato Obàtálá Ilé Ifè, título que ele recebeu a partir da coroação de 2018, em uma das redes sociais, na página do Facebook, que apresenta mais de 4 mil seguidores, ele se apresenta assim: “Sou um dos Reis Isoro (rei sacerdotal Yoruba). Fui coroado rei tradicional no e do Templo de Obàtálá de Ilé Ifè. Nesse Obàtálá Holytemple meus ancestrais se iniciaram e fizeram parte do grupo de Obàs”.



Obà Oribato no Templo de Obàtálá em Ilé Ifè[2]

A família de Obà Oribato Obàtálá Ilé Ifè, por incontáveis gerações, dedica-se ao Templo de Obàtálá de Ilé Ifè. Obàtálá é uma divindade masculina do povo Yoruba, que no Brasil é chamado de Oxalá. Na Nigéria e em Ilé Ifè, lá no Templo dedicado ao Òrìsà Obàtálá, o Rei do Pano Branco, é conhecido como um Òrìsà (Orixá) escolhido por Deus (Deus é chamado pelo povo Yoruba pelo nome de Olódùmarè) para criar a vida na Terra, a partir de Ilé Ifè, no Continente Africano.

Certa vez, o Obalesun do Obàtálá Holytemple narrou como aconteceu o momento da criação do mundo: “Olódùmarè deu para Obàtálá èwòn/chain (uma corrente), ewe koko (folhas), igbin/snail (caracóis), iyepe iwarun (terra) e akuko adiye elese marun (uma galinha de cinco dedos). Ele colocou esses materiais numa mala que se chama àpò láwonrínwon-jìwon-ràn” (DADA, 2019, p.01), mostrando como Obàtálá colaborou com a criação de um projeto de vida na Terra.

Partiu para criar o mundo, plantas e seres humanos. Em uma das visitas de Obàtálá “já existiam mais árvores que humanos e essas árvores traziam produtos muito bons e não tinha ninguém para colher esses produtos. Deliciosas frutas. Com o tempo esses produtos começam a apodrecer. E ninguém para colhê-los” (DADA, 2019, p.01). Deliciosas e saborosas frutas!

Entre nossas atividades, estive a tradução desse texto, publicado na ClimaCom, sobre a criação do mundo, em que “Obàtálá voltou até Olódùmarè e disse para Olódùmarè que não tinham pessoas no mundo, que já existia mais comida que pessoas. Olódùmarè disse para Obàtálá que ainda estava



com o Àse dele para usar isso no mundo e para transformar as árvores em humanos, em pessoas” (DADA, 2019, p.01).

O cenário da nossa produção de conteúdo, tradução, edição e postagem é o Centro de São Paulo, um bairro que reivindica um Quilombo, ao mesmo tempo em que espera a chegada do Metrô. Um lugar por onde andamos pelas ruas do Bixiga e encontramos, na Copa do Mundo de 2014, em dia de jogo do Brasil, uma simpática senhora preta, dona de um ateliê de costuras no bairro, pertencente a Velha Guarda da Escola de Samba Vai-Vai. Ela nos disse: “Ali na Manoel Dutra, quase esquina com a Av. Nove de Julho, no lugar em que se vê algumas árvores é um Cemitério de Africanos!”. Os anos passaram e isso era evidente como testemunho de memória oral do nosso bairro. Até narramos essa história ao Movimento pela Memória do Quilombo Saracura.

Pelas ruas do bairro, entre as calçadas e o asfalto, encontramos algumas ervas que usamos para muitas atividades de sacralização e rituais da nossa religião e atuação como sacerdote e sacerdotisa da Religião Tradicional Yoruba que somos. As aprendizagens por longos anos de Obà Oribato Obàtálá Ilé Ifè favoreceram o encontro, nas calçadas, entre as ervas que precisávamos para os nossos atendimentos. Obà sempre pegava pouco e o necessário! Nunca compramos ervas em um mercado na Lapa.

As memórias deixadas pelos ancestrais do povo Yoruba, e do povo de Obà Oribato, são necessários conhecimentos que foram aprendidos, através da observação e treino em diversos rituais, ritos e oferendas. Em um movimento de aprendizado incessante. “Nosso entendimento e cuidado das águas, ervas e bosques que (man)temos trazem efeitos para nossas famílias e para as pessoas que nos procuram para curas e buscam curas utilizando a nossa extensa Farmacopeia de fitoterápicos”. (DADA; FREITAS, 2018, p. 01).

Deste modo, os conhecimentos aprendidos na infância e adolescência de Obà Oribato servem para a vida urbana, nas calçadas que encobrem o Rio Saracura, no Velho Bixiga. “Aprendemos com os sacerdotes mais velhos um grande número de usos de ervas nascidas em nossos bosques e aprendemos a fazer estes remédios que curam” (DADA; FREITAS, 2018, p. 01).

Entre a extensa farmacopeia utilizada pelos sacerdotes herbaristas do Povo Yoruba, no Bixiga, nosso bairro, encontramos Ewe Tete e Ewe Aje. Andando pelas calçadas da Bela Vista se reafirmavam aprendizagens relevantes do Povo Yoruba: “Aprendemos oralmente que existe um intenso e



simbólico entrelaçamento entre o físico e o espiritual. Há conexões entre vários elementos, de forma dinâmica. Esse padrão é a fonte da lógica dos nossos rituais” (DADA; FREITAS, 2018, p. 01). Ainda que alguns só escutem barulho do trânsito, asfalto e cimento. Um dia, soubemos que algumas das ervas que se encontram na Nigéria e no Brasil são chamadas no Brasil pela sigla Pancs (Plantas Alimentícias Não Convencionais).

Tivemos oportunidade de participar duas vezes da Rádio Saracura[3], um projeto de rádio comunitário e arquivo audiovisual sediado no bairro do Bixiga. Uma delas foi descrita da seguinte forma: “Neste encontro aberto, foram plantados alguns vasos de ervas medicinais e temperos e enquanto se manuseavam terra e mudinhas, registramos as conversas sobre cultivo de plantas medicinais, métodos de plantios e seus usos na saúde e na culinária que vieram à tona”. Os programas faziam o seguinte chamado aos ouvintes: “Ouça o áudio da oficina, que teve abertura com uma oração para Ogum, conduzida pelo babalorixá Obà Ojele Obàtálá Ilé Ifè [nome de Obà Oribato antes de sua nova nomeação como rei Yoruba]”. E a foto abaixo foi feita no evento dedicado às ervas e que aconteceu na Vila Itororó, em outubro de 2019[4].



Viver no Bixiga é seguir sendo nós mesmos, sabendo que aqui habitaram outras migrações e deslocamentos, indígenas e negras, em épocas distintas ao contemporâneo e às nossas próprias. Seguindo a nossa Religião Tradicional Yoruba, recebemos muitas pessoas de outros bairros e outras cidades para as nossas consultas oraculares e os anúncios de odus, com respostas para as inúmeras indagações que o povo Yoruba, de modo sincrônico, também fez aos sacerdotes, no passado e atualmente na Nigéria. “São 256 possíveis odus a partir da associação de 16 odus principais, conheça



os 16: 1. Eji Ogbe; 2. Oyeku; 3. Iwori; 4. Odi; 5. Irosun; 6. Owonrin; 7. Obara; 8. Okanran; 9. Ogunda; 10. Osa; 11. Ika; 12. Oturupon; 13. Otura; 14. Irete; 15. Ose; 16. Ofun”. Assim, 16 X 16 são 256 odus diferentes.

A Equipe da Rádio Saracura nos levou ao Parque do Rio Bixiga, através de Augusto Aneas e a convivência foi muito respeitosa e potente com todos lá do Teatro Oficina, com as queridas pessoas de lá, incluindo Zé Celso e Marcelo Drummond, Cafira Zoé, Carila Matzenbacher e Marília Gallmeister, entre tanta gente incrível. Estivemos nos momentos preparatórios e no dia de um evento pro-Parque do Rio Bixiga. O Evento foi chamado de Grande Ato com a Terra pelo Parque Teat(r)o do Parque do Rio Bixiga. No seguinte link é possível assistir ao evento todo: <https://www.facebook.com/uzynauzona/videos/2093454500781266>.

Na foto abaixo[5], que tirei revendo o vídeo do evento, vemos a nossa participação entre os minutos 33:42 até 48:38. Aparecemos de branco, Obá Oribato Obàtálá Ilé Ifè (na época ainda era Obà Ojele) e eu, e do meu lado José Celso Martinez Correia. É uma recordação desta luta por este Parque a ser feito.



São esses encontros, em que as nossas singularidades e diversidades se conectam de um modo festivo, que é muito bom lembrar. “Nosso mundo, na percepção Yoruba, é também o lar de vários espíritos das árvores, dos rios, de pedras, além de nossos próprios oris. O termo orí é usado para se referir à cabeça física ou externa de uma pessoa e a sua cabeça interna (orí-inú)” (DADA; FREITAS, 2018, p. 01).



Nesse dia, Obá Oribato Obàtálá Ilé Ifè fez uma oração inicial em yoruba, comentou que era junho e estava começando um ano novo para o Povo Yoruba da Cidade de Ilé Ifè, ele comentou sobre a consulta anual para o mundo todo, feita por sacerdotes de Orunmila e que tinha acabado de acontecer em Ilé Ifè, falou o nome do Odú – OTURA MEJI –, que veio em IRE AIKU (BÊNÇÃOS DE LONGEVIDADE).

Falou que seria um ano propício à união, sabedoria, busca da paz e aconselhou que se deveria evitar discórdias dentro das famílias. Ainda disse – isso estava naquele Odu – que o ano entre junho de 2019, até junho de 2020, não seria um ano fácil, e ocorreu isso com a chegada da Covid 19. No momento seguinte, Obá Oribato Obàtálá Ilé Ifè, fez uma consulta oracular, usando o Opele (corrente com sementes de Ikins) e uma pessoa representando o movimento pelo Parque do Rio Bixiga fez duas perguntas.

A primeira pergunta foi: Como essa Terra Amada, fértil, pode ser libertada de tanto mal, dos especuladores, de tanta discórdia e massacre? Obà lançou a corrente de Ikins e disse que era Obàtálá a inspiração e o depositário de sabedorias e que traria a inspiração da sabedoria que este Orixá da criação, Obàtálá, usou para criar a própria Terra e trazer soluções e que poderia ajudar naquele momento. A segunda pergunta era sobre a participação da população do Bixiga, apoiando aquela luta pelo Parque do Rio Bixiga, em um sonho com hortas, pomares e delícias da natureza para todos os que precisam, e Obà Oribato recomendou que se recorresse ao Rei da Justiça, o Òrìsà Sango, iria fazer com que o processo pudesse ir para frente e a favor de todos nós que queremos cuidar da amada Terra. Em seguida, Obà ofereceu obis relacionados a consulta e levou até um lugar do Teatro, pedindo a interseção de Exú, o grande mensageiro!

Na foto abaixo, o pedaço do obi, já oferecido ao Òrìsà, está dividido em quatro pedaços e um dos pedaços está passando da mão do Obà Oribato para a mão do Zé Celso. Obà Oribato ofereceu o obi neste momento do evento e Zé Celso disse: “Ah, pode comer?!”; e levou à boca e comeu. Como é visível nesta foto abaixo “printada” do vídeo do evento. O obi é uma semente, um oráculo, uma oferenda e um alimento.



Na tradição Yoruba, tudo o que existe aqui na Terra tem uma dimensão interna e oculta. Aquilo que falta aos olhos vivos é o eu oculto celestial ou espiritual. É assim para os humanos e assim também para as árvores. E todos os demais seres vivos/seres espirituais que vivem na floresta, nos bosques, nas matas. Na nossa cosmovisão, uma árvore não é somente aquilo que fisicamente vemos e chamamos árvore. A árvore de obi [...] é um espírito crescendo devagarzinho e/ou uma morada de espíritos, simbolizando ou encarnando certas realidades espirituais. Nossas orações, nossas histórias, versos de nossos oráculos ou os nossos cânticos (ijala em yoruba) e nossos rituais colaboram para uma convivência pacífica entre os seres espirituais presentes aqui a Terra, nossa coletiva e temporária morada. Cantar é uma forma de conviver e comemorar as nossas distintas existências, projetos sagrados de Olódùmarè/Deus em yoruba (DADA;FREITAS, 2018, p.01).



Como o Odu previu, foi preciso higienizar muito a casa e permanecer dentro dela até que tivéssemos as vacinas para a Covid 19. Foram tempos difíceis para o mundo e atendemos online as pessoas.



Passados os longos tempos da pandemia, já vacinados, sem duvidar da ciência, um dia saímos a pé pela Av. Nove de Julho e Obà pegou um obi inteiro e plantou no chamado Jardim de Inverno, em que estavam as plantas ornamentais trazidas pela Prefeitura de São Paulo, aproveitando da fertilidade do Rio Saracura. Andamos a pé até o Parque Augusta, lá o Obà Oribato plantou outro obi. Parque Augusta foi uma conquista popular e que escapuliu da especulação imobiliária, deixou de ser prédio e virou lugar para estar.

Nós desejamos que um dia a passagem ancestral de José Celso Martinez pelo Teatro e pelo Bixiga floresça na criação do Parque do Bixiga, quintal para toda a gente do Bixiga. Que um dia, como encontramos hoje ervas nas ruas do Bixiga, ainda sigamos esperançosos nos versos dos Odus!

DADA, Faseyi Awogbemi; FREITAS, Glória. Dialogando com a semente de obi ou a floresta: um convite para conhecer um pouco da nossa tradição religiosa e cultura Yoruba. **ClimaCom** – Diálogos do Antropoceno [online], Campinas, ano. 5, n. 12. Ago. 2018. Available from: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/?p=9478>

DADA, Olaolu O.O. A narração de uma ideia: a criação do mundo, antes do 1º dia em Ilé Ifé. Trad. Rei Ojele Obàtálá Agbaye e Yeye Meso Obàtálá Agbaye. **ClimaCom** – Povos Ouvir – A coragem da vergonha [Online], Campinas, ano 6, n. 16, dez. 2019. Available from: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/olaolu-o-o-dada-a-narracao-de-uma-ideia-a-criacao-do-mundo-antes-do-1-o-dia-em-ile-ife>. Acesso em 24 jul 2023.

FREITAS, Maria da Glória Feitosa Freitas, Solstício de verão no Hemisfério Norte, Ano Novo Yoruba e mudanças climáticas: chegou o ano 10.065! Campinas: Revista **ClimaCom**, Ciência. Vida. Educação. | jornalismo | ano 10, no. 24, 2023. Disponível no Link: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/solsticio-de-verao/>. Acesso em 24 jul 2023.

[1] Pesquisadora Colaboradora no Labjor-Unicamp, Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC), membro da Casa dos Atoris de Obàtálá e Yemòó. Email: gloriafreitas@alumni.usp.br

[2] Acervo de fotos do Obà Oribato Obàtálá Ilé Ifè, em Ilé Ifè, cidade no Osun State (Estado de Osun), na Nigéria, em 2022.)



[3] “A RÁDIO SARACURA é um dispositivo polifônico, tecnológico e cultural, que investiga e reverbera as raízes ecológicas, indígenas, afro descentes, italianas, portuguesas e nordestinas do Bixiga. Através do agenciamento de identidades minoritárias, a aposta da Rádio Saracura é ser uma tecnologia de encontro e enunciação de diferentes vozes que ao serem reunidas compõem e criam juntas as culturas de um bairro”. (Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/radio-saracura/> . Acesso em 27 jul 2023.

[4] A foto e o texto são da equipe da Rádio Saracura e podem ser visualizados: <https://www.facebook.com/SaracuraJa/photos/a.225640728107606/394467371224940/>

[5] Foto feita a partir do vídeo do evento e disponível no facebook: <https://www.facebook.com/uzynauzona/videos/2093454500781266>